



# PANDORA

*Informativo aperiódico do Coletivo Anarco-feminista*

Ano II-Nº 05-setembro de 1994

cx postal 117- Macedo

Guarulhos/SP- Brasil

cep 07111-970

## EDITORIAL

Antes de direcionarmos palavras ao vento, como ocorre com muita frequência, podemos nos questionar a respeito de nossa educação, instrumento de direcionamento das massas, e então tomarmos ciência do que nos prejudica, e do que faz parte de "nossa" luta.

Vejo a luta específica de mulheres como algo a ser levado a sério, estudado, criticado, enfim, estimulado e "dividido" entre todos (as), pois se não houver reconhecimento geral do fato de as mulheres fazerem parte de uma sociedade não apenas autoritária, monopolizadora do trabalho e da criatividade, é também heterossexual, masculina e privilegiadora dos "brancos", "nossa" noção de revolução das estruturas sociais torna-se deficiente, carente de respeito e informações.

Muitas pessoas teimam, por causa de sua educação, em não reconhecer a necessidade feminina de espaço próprio, de as mulheres reconhecerem-se como tal, aceitarem-se e aceitarem os homens como companheiros, e não chamo isto de separatismo.

A mulher "tem" de lutar por sua integridade social, sexual, física e moral, e o que ocorre é que os seus "direitos", suas necessidades e seus prazeres sempre acabam sendo ditados sob a ótica socialmente masculina; e se reconhecemos isto, então que mal há de se reunirem para falar de sua sexualidade, de suas opiniões, e porém em prática a sua criatividade?

Reconhecer a luta de mulheres é um ato necessário para o desenvolvimento das manifestações e lutas sociais, assim como a luta dos grupos de homossexuais, de mulheres lésbicas e da comunidade negra bem como de qualquer "minorias social".

Ou será que esta mesma luta esta fadada ao reconhecimento apenas através de escritos de homens que as apoiam?

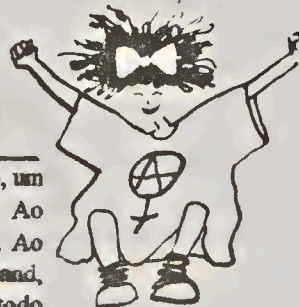
Bem, na verdade, o que eu acho é que, se escritos "masculinos" em apoio a esses coletivos estão surgindo, creio que não é por causa da "bondade masculina", mas de um reconhecimento e de companheirismo revolucionário, resultante da atuação revolucionária dessas mulheres, ou seja, elas podem falar por si só, como também posso.

Fábio (K.R.A.P.)



Saluton:

Ao Fábio por apagar as matérias digitadas, ao Botinho, um ser impregnante, mas muito amigo e companheiro. Ao Coletivo Altruista por dar uma "puta" força no show. Ao pessoal da Editora da Tribo; em especial ao Niket e Anand, que nos cedeu o espaço ao show e o computer; E a todo pessoal que de uma forma ou de outra nos apóia e divulga nosso trabalho. A todos, um forte ABRAÇO.



## Anarquismo e o Movimento Feminista

O desenvolvimento d'uma irmandade feminina é uma ameaça sem igual, pois é apontada diretamente contra os modelos básicos sociais e psíquicos de hierarquia e dominação... - Mary Daly

Em todo lugar no país grupos independentes de mulheres começaram a funcionar sem a estrutura e sem os líderes da esquerda masculina, criando organizações similares àqueles de anarquistas de muitas épocas e lugares. E não foi por acaso. - Cathy Levine

Não falei da posição da mulher na Espanha ou na França porque basta dizer apenas duas palavras: sem mudança. Os homens anarquistas têm sido pouco melhor na sua opressão das mulheres que homens no mundo inteiro, portanto a necessidade absoluta d'uma revolução anarquista *feminista*. Senão os princípios anarquistas se tornam hipocrisia total.

O movimento feminista atual e a análise feminista radical da sociedade já contribuíram muito ao pensamento libertário. Na verdade, creio que as feministas têm sido anarquistas inconscientes na teoria e na prática faz muitos anos. Agora precisamos nos tornar conscientes das ligações entre anarquismo e feminismo e usar essa rede para as nossas idéias e ações. Temos que poder ver claramente aonde queremos ir, e como chegaremos até lá.

A perspectiva feminista é quase anarquismo puro: sua teoria básica diz que o núcleo da família tradicional é a base de todos os sistemas autoritários. O que a criança aprende, do pai ao professor ao patrão, e até Deus, é OBEDECER a voz anônima da Autoridade. Chegar a ser adulto significa a automatização total do indivíduo, que fica incapaz de questionar, nem pensar claramente. Acreditamos em tudo que nos dizem e aceitamos paralisadas/os a destruição de vida que nos cerca.

A política masculina tradicional reduz os seres humanos a objetos para depois dominá-los e manipulá-los pelos seus "objetivos" abstratos. Nós mulheres achamos que relações entre pessoas, com toda a sua individualidade, são desejáveis e necessárias. (Muitas de nós escolhemos trabalhar com e amar só mulheres por exatamente essa razão - porque esses tipos de relações são mais possíveis). Estamos trabalhando juntas para expandir a nossa empatia e o nosso respeito pelos outros seres vivos em vez de torná-los em objetos e manipulá-los. Neste momento o respeito por todas as formas de vida é um requisito indispensável pela nossa própria sobrevivência.

A teoria feminista radical também critica os padrões do pensamento hierárquico masculino onde o racional domina a sensualidade, a mente domina a intuição e as polaridades (ativo/passivo, criança/adulto, sano/insano, trabalho/diversão, espontaneidade/organização) nos alienam da nossa experiência como seres *Completo*s. Nós mulheres estamos tentando jogar fora essas polaridades e divisões para viver em harmonia com o universo como seres humanos inteiros, dedicados a curar coletivamente as nossas feridas individuais.

Na prática atual do Movimento Feminista, conhecemos ambos sucesso e carência na nossa tentação de abolir hierarquia e dominação. Creio que as mulheres muitas vezes falam e atuam como anarquistas "intuitivas", quer dizer, chegamos perto da beira da negação total do pensamento e organização patriarcais. Mas essa aproximação é obstruída pelas formas poderosas do patriarcado nas nossas próprias mentes e nas nossas relações umas com as outras. O fato de viver numa sociedade autoritária frustra a nossa capacidade de fazer as ligações importantes entre feminismo e anarquismo. Quando dizemos que estamos lutando contra o patriarcado, não fica sempre claro para todas nós que isso significa que estamos lutando contra *toda* hierarquia, *todos* líderes, *todo* governo e a própria idéia de autoridade. Os nossos impulsos de trabalhar coletivamente em grupos pequenos sem líderes são impulsos anarquistas, mas na maioria das vezes não os chamamos por esse nome. Isso é importante porque o entendimento do feminismo como anarquismo podia lançar as mulheres fora do reformismo para um confronto com a política autoritária.



Se quisermos destruir o patriarcado temos que falar do anarquismo para entender o que exatamente significa e usá-lo para transformar nós mesmas/os e a estrutura do nosso cotidiano. Feminismo não significa mulheres em controle dos multinacionais, nem uma mulher presidente; mas sim um mundo sem multinacionais e sem presidentes. Não queremos inserir a mulher numa economia hierárquica. Confrontar o machismo significa confrontar toda hierarquia - econômica, política e pessoal. E isso significa uma revolução anárca-feminista.



Mas quais são as partes anarquistas do feminismo, e quais as carências? No fim

dos anos 60 o feminismo se espalhou nos EUA inteiro na forma de grupos de mulheres que eram frequentemente libertárias nas estruturas deles. Mulheres formavam esses "grupos de conscientização" pequenos, sem líderes, para falar das questões pessoais do cotidiano, revoltando contra os jogos de poder, a hierarquia impessoal e as táticas de organização de massa, todos inerentes à política masculina. Cara a cara, tentávamos entender os raízes da nossa opressão, falando das nossas experiências e percepções, coisas desvalorizadas antes disso. Aprendemos umas das outras que a política não existe "lá fora", mas nos nossos corpos e mentes e nas relações entre indivíduos. Aprendemos que as relações pessoais oprimem nós mulheres como uma classe política. A nossa miséria e o nosso ódio de nós mesmas eram o resultado da dominação masculina no lar, na rua, no emprego e nas organizações políticas.



Em muitos lugares diferentes esses grupos de conscientização se formaram como uma reação direta e espontânea ao patriarcado. Neles, a ênfase no grupo pequeno como a unidade básica de organização, nos aspectos políticos da vida pessoal, na rejeição do autoritarismo e na ação direta espontânea, era anárquica na sua essência. Mas aonde estavam os anos de preparação que fizeram possível as atividades revolucionárias espanholas? A estrutura dos grupos de mulheres pareciam muito com os grupos de afinidade dos sindicatos anarquistas na Espanha, na França e em muitos outros países. Não nos chamamos de anarquistas mas nos organizamos conscientemente com os princípios anarquistas apesar de que, nessa época, nem tínhamos uma rede de informação para comunicar as nossas idéias e experiências. Antes do movimento feminista existiam alguns poucos grupos isolados procurando respostas no escuro com o ideal de anarquismo não especificado nas nossas mentes.



Creio que isso significa que as mulheres têm uma consciência anarquista interior, intuitiva, que se fosse articulada e concretizada, poderia nos levar mais adiante na luta pela revolução que qualquer outro grupo anterior. A teoria feminista radical aclama o feminismo como a Última Revolução. Isso é verdade se (e somente se) reconhecermos o nosso raízes anarquistas. Quando não vemos as ligações feministas com o anarquismo, não alcançamos revolução mas caímos na velha política masculina autoritária.

Os sucessos dos projetos de ação pequenos feministas (como os Centros pela Prevenção da Violência e os Coletivos Feministas de Saúde) em se espalhar pelo país [e pelo mundo] inteiro e em evitar o desenvolvimento de líderes/"estrelas", faz com que seja muito difícil apontar apenas uma pessoa ou grupo como representante do movimento feminista. Feminismo é um monstro de muitas cabeças diferentes que não se pode matar com uma decapitação só. As maneiras que crescemos e nos difundimos são fora da compreensão da mentalidade hierárquica.



Mas ao mesmo tempo não podemos subestimar o poder do inimigo. A pior forma desse poder é a cooptação, que destrói o anarquismo no feminismo dizendo que é apenas "mudança social". Dizer que o machismo podia ser destruído através da participação feminina no sistema existente é garantir a continuação da dominação e opressão. Capitalismo "feminista" é uma contradição. Quando estabelecemos livrarias, uniões de crédito e restaurantes feministas, temos que lembrar que estamos fazendo essas coisas para a nossa sobrevivência, para criar um "contra-sistema" cujos métodos contradizem e disputam a competição pelo lucro e todas as outras formas da opressão econômica. Temos que adotar valores anti-capitalistas e não consumistas, e viver nas margens do sistema. Não queremos nem a integração nem a transferência de poder. Queremos nada menos que uma revolução total para um futuro sem desigualdade nem dominação nem desrespeito pela variedade individual. Creio que as mulheres já sabem do caminho pela libertação humana; apenas precisamos nos livrar das formas políticas machistas e focar na nossa própria análise feminista anárquica.



Peggy Kornegger

## NOSSA LUTA

Há varios meses estamos nos organizando e lutando bravamente contra o sistema patriarcal sob o qual vivemos. Essa batalha engloba desde o feminismo anárquico, que é o que temos mais disponibilidade e disposição para fazê-lo até tudo que dele faz parte. E o que são essas outras coisas? Nossa luta sempre foi e sempre será contra o Estado, o patriarcado, o preconceito, o capitalismo, a propriedade privada e a opressão do homem pelo homem.

Como anarquistas não aceitamos a existência de um Estado e o combatemos no que pra nós parece uma arma forte: o feminismo.

O feminismo anárquico engloba todas essas questões e faz com que lutemos e chutemos um pilar forte aonde o Estado está sentado, que é o patriarcado e as relações de poder.

Não acreditamos em líderes, seja ele homem ou mulher, pois sempre estarão a serviço do Estado e nenhum deles, nunca, em hipótese alguma poderá representar nossas vontades.

Não acreditamos em religiões que massificam, alienam e fazem com que o povo fique submisso e conivente com tudo que ocorre no mundo.

Não elegemos, Não comungamos. Nos guiamos apenas pelos são princípios do anarquismo. Acreditamos verdadeira e apaixonadamente numa sociedade livre, organizada livremente em auto-gestão, apoio mútuo, solidariedade, responsabilidade e trabalho sem que nada disso precise ser direcionado ou comandado por alguém.

Acreditamos na livre associação e na livre secessão e sabemos, sabemos que nossa organização não só a nível de grupo

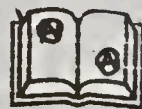
mas a nível de movimento anarquista deve partir da afinidade. Afinidade de luta e entendimento. Só assim conseguiremos nos fortalecer cada vez mais e alcançar nosso ideal primordial: o anarquismo.

Cada grupo que dispor a se engajar em uma luta específica em prol do anarquismo, seja ela em ocupações, sindicatos, escolas livres ou até mesmo nos movimentos de minorias oprimidas, não deixará de lutar pelo anarquismo, apenas estará escolhendo um caminho que lhe dá mais tesão de continuar e lutar por aquilo.

O que muitas pessoas precisam aprender é que o anarquista é, por natureza, uma pessoa solidária e que respeita a luta de outros anarquistas. O que, infelizmente está difícil hoje.

Enquanto não aprendemos a respeitar nossos companheiros e grupos por seu trabalho dentro do movimento anarquista, estaremos, com certeza, falando com o velho cadáver entre os dentes.

Não é por que você é de um coletivo anarco-sindicalista, anarco-punk, anarco estudantil, ou seja lá o que, que você se coloca fora da luta



golbal, muito pelo contrário, você a fortalece tomando sólidas uma por uma cada reivindicação e nem por isso em lutas e manifestações que envolvem nossos interesses específicos estaremos omissos. Estaremos juntos e lutando contra tudo que nos oprime.

Uma revolução social não ocorre apenas com a emancipação dos trabalhadores ou das mulheres, ou homossexuais, mas sem uma delas também não ocorre.

Essas lutas devem caminhar lado a lado, apoiando-se mutuamente, respeitando-se e trabalhando para o fortalecimento e crescimento não só quantitativo (pois não somos movimento de massa), mas qualitativo também.

Tá provado que quando nos engajamos em uma luta, claro, sem esquecer das outras, todo o trabalho é bem mais produtivo e recompensador pra nós do que falamos: Eu luto por tudo e não dar conta de nada, ficar simplesmente dando uma de gato pingado um dia ou outro em alguma data importante e não fazer mais nada o ano inteiro, pois nunca se consegue desenvolver nenhum trabalho concreto em nada. São apenas manifestações, sem continuidade de um trabalhos de politização e propostas em cima.

Lutamos por toda uma mudança que não é reformista e sim revolucionária

e é isso que nos diferimos das feministas partidárias e que querem o poder. Queremos pura e simplesmente elimina-los. E isso não somos apenas nós e sim todos os anarquistas e não apenas aqueles que não se envolvem em nenhuma luta específica por acharem separatista (visão reacionária e retrógrada) sem ao menos conseguir enxergar o valioso trabalho que esses grupos fazem e levam adiante, achamos bastante importante estar nas datas do calendário de luta protestando, mostrando nosso ideal e tudo mais e estaremos sempre presentes em todas, mas sentimos também a necessidade de se levar um trabalho adiante, um trabalho concreto onde, em primeiro lugar, nos sentimos bem em fazê-lo e dele haver uma continuidade.

Apoiamos totalmente a iniciativa de grupos de estudo, cooperativas, de sindicalismo, homossexuais, anti-fascistas, negros, anti-religiões, de ocupações, e como não poderia deixar de ser, faremos o possível por eles, mas nunca nenhuma de nós poderá se engajar em todos eles, pois não faremos nenhum deles direito e o primeiro ponto pelo qual parto é que ninguém tem disponibilidade de tempo para estar em todos esses coletivos e desenvolver um bom trabalho. Então, que cada grupo faça o que lhe der mais tesão de fazer, e garanto, que o fará bem, caminhando realmente para a tão almejada revolução social. E para aqueles que reclamam desses grupos tomo a liberdade de pedir: procurem o que

fazer em vez de tentar derrubar outros coletivos, pois tenho certeza, de que eles já tem problemas demais com toda a essa sociedade sob a qual vivemos para, em vez de encontrar apoio dentro do nosso meio, encontrar aversão e contra-propaganda.

Antes de abrimos a boca para derrubar devemos nos instruir e nos informar do que se trata, aí sim poderemos ter a bagagem necessária para questionar, seja lá o que for.

Respeito e apoio mútuo tem que sair do papel e entrar na prática, concorda ?



## MERCADO DE TRABALHO

Cada vez mais as mulheres estão lutando por seu espaço e igualdade perante uma sociedade onde "ainda" imperam as idéias machistas.

Atualmente, o mercado de trabalho é onde mais se sentem pressionadas, pois a figura feminina é vista como um sistema lucrativo para a empresa, tomando-se mão de obra barata.

A grande maioria não procura trabalho com a satisfação social, mas para ajudar economicamente em casa, tanto mulheres como homens, antes mesmo de terminar os estudos, já atuam no mercado de trabalho.

O fato de existir um bom numero de mulheres no mercado trabalhista e a ocupação de cargos de expressão, não significa que são emancipadas, ao contrario, exploradas elas sofrem humilhações e assédio sexual. Essa cena é muito comum em nosso meio, mas podemos reverter tal situação nos unindo e nos ajudando a derrubar o patriarcado.

Nos submetendo no trabalho, apenas contribuiremos para legitimar o poder daqueles que nos exploram.

Temos que tomar consciência de nossos direitos e lutar por nossa "real" emancipação.

Marcia Miranda

Os endereços a seguir foram propositalmente escolhidos com carinho, de mulheres e grupos de mulheres ativos dentro da cena anarquista. Serve também como uma porta para que as mesmas e outras passem a se comunicar e para que muitos que lêem esse zine deixem de ser apenas a companheira do ... e passem, com suas próprias idéias e conceitos a serem elas mesmas através de contatos com outras mulheres.

Mexam-se, organizem-se, comuniquem-se, libertem-se !



**CAF - Campinas**  
Cx. Postal 1629  
Campinas - SP  
C.E.P. 13001-970

**CAF - Sta. Catarina - Informe Liseas Liberata**  
Av. Elza Luck, 357 - Jd. Eucalipitos  
Palhoça - SC  
C.E.P. 88130-000

**Dione**  
Rua Caxambu, 31 Jd. alvorada  
Maringá - PR  
C.E.P. 87030-340

**Zine Anarco-feminista**  
Cx. Postal 3395  
Curitiba - PR  
C.E.P. 80020-970

**DIK**  
Cx. Postal 1992  
Londrina - PR  
C.E.P. 86001-970

**Mulibu - Mulheres Libertárias Unidas**  
Apartado 40- 2801  
Almada Codex  
Portugal

**Daniele**  
Rua Major Duque Estrada, 591 - Rocha  
São Gonçalo - RJ  
C.E.P. 24421-320

**Asociacion Anti-patriarcal**  
APDO 52018 - 28080  
Madrid - Espanha

**Foco Infeccioso Zine**  
A/C Fabiana  
Cx. Postal 357  
Erexim - RS  
C.E.P. 99700-000

Feminists for animal rights  
P.O. box694, Cathedral Station  
New York-NY 10025-U.S.A.



**Mujeres Libres - C/ Tallers, 73**  
1818- 08001  
Barcelona - Espanha



Coletivo de Mulheres Libertárias Emma  
Goldman  
Apartado Postal 11351  
CP 06101  
México - DF - México